

A NOÇÃO DE ALMA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA A PARTIR DOS ESPELHOS NOS CONTOS “O REFLEXO PERDIDO” E “O ESPELHO”

Autora: Camila Mazi Dacome - INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo

E-mail: camilamazid@gmail.com

Agência financiadora: Serviço de Apoio ao Estudante - Unicamp

Palavras-chaves: *Espelho – Elma - Construção da identidade*

• **Introdução**

A figura do espelho foi constantemente utilizada como metáfora para poder enxergar a própria alma. Diz-se também que nessa relação entre ver-se (ou não) e reconhecer-se (ou não) perante um espelho implica na noção da construção de uma identidade. Partindo disso, o estudo se propôs a analisar os contos “O reflexo perdido”, de E. T. A. Hoffmann (1776-1822) e “O espelho”, de João Guimarães Rosa (1908-1967), buscando entender de que maneira as noções de alma e de construção da identidade humana foram trabalhadas por esses dois autores não contemporâneos e considerados expoentes de suas respectivas épocas literárias: romantismo alemão e modernismo brasileiro.

• **Metodologia**

A metodologia se propôs a separar as leituras de modo cronológico e por área: filosofia, psicologia e literatura, uma vez que tais conceitos foram amplamente estudados pelas áreas do conhecimento citadas acima. Cada leitura teve sua obra fichada e analisada dentro dos objetivos e prazos do projeto.

• **Resultados**

O uso do espelho como mediador desse contato com o Eu implica diretamente na resposta que se poderia dar à pergunta *Quem sou eu?*. A partir disso temos em:

“*O reflexo perdido*” – E. T. A. Hoffmann: não ter reflexo é não existir como ser humano e cidadão; o Eu é unitário; sua perda equivale à morte.

“*O espelho*” – Guimarães Rosa: não se teme a ausência de sua imagem; permite-se (re)construí-la diante da ausência do reflexo; o Eu é múltiplo;

- **Conclusões**

O espelho de Guimarães primeiro nos dá uma imagem estranha a nós mesmos:

“E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! (ROSA, 1962, p. 63)”, para que ela possa ser desconstruída e refeita o mais próximo possível de nossa essência, nosso Eu:

“E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto-quase delineado, apenas- mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. (ROSA, 1962, p. 68)”

Em Hoffmann, a imagem/reflexo é estável, mas igualmente fugidia:

“Sugiro que te ponhas a caminho e comeses a viajar em busca do teu reflexo. Tão logo o encontres, conforme espero, apressa-te em voltar. (HOFFMANN, E.T.A., 1814, *O reflexo perdido*. Disponível em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/biblioteca/reflexoperdido.html>>. Acesso em: 2 de jul. de 2013)”.

A existência desse reflexo significa também a existência legítima dos protagonistas. Ir de encontro ao seu duplo – seja ele sombra ou reflexo – representa o desejo de conciliar-se consigo mesmo. O reflexo de Hoffmann pode não corresponder à alma, mas sim a uma identidade imutável, ao contrário de Guimarães Rosa. Porém, em ambos existe a preocupação em apreender essa identidade (através do reflexo no espelho) de modo que sua identidade seja a mais semelhante possível com nosso verdadeiro Eu.

- **Referências bibliográficas**

BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind..[et al]. Rio de Janeiro: Ed. José Olympo, 1998. 2ª ed.

HOFFMANN, E.T.A. *O reflexo perdido*, In *A noite de São Silvestre*. Disponível em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/biblioteca/reflexoperdido.html>>. Acesso em: 2 de jul. de 2013.

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: 12ª ed. Livraria José Olympio Editora, 1981.

ROSSET, Clement. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: Ed. LP&M, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.

